

**“Um país se faz com homens e livros”:
Lobato e o maravilivro**

A atividade de editor de livros certamente contribuiu para que Lobato convivesse constantemente com a materialidade do livro, com sua feição de objeto de consumo, para além da aura idealizada de obra de arte, de fonte sagrada de sabedoria.

A mercadoria *livro* precisa ser produzida, distribuída e comercializada. Lobato, consciente deste imperativo, armou-se de seu antológico espírito empreendedor e não poupou esforços para que seus livros conseguissem uma distribuição de amplitude até então inimaginável no Brasil das duas primeiras décadas do século XX.

Seus livros foram remetidos aos lugares mais remotos do nosso país para serem vendidos mesmo em vendas, quitandas, ou em qualquer estabelecimento em que o proprietário aceitasse comercializá-los. Como o próprio Lobato afirmou, “não nos limitamos às capitais, como os velhos editores. Afundamos por quanta biboca existe”.

Quantas questões filosóficas não podemos traçar em torno da idéia de um *livro nunca lido*... Um livro jamais lido por alguém realiza sua razão de ser?

Embora pré-exista em forma de *livro*, é na recepção que se dá o efeito estético de uma obra literária; é a participação ativa do leitor, lendo e trazendo ao texto o “*não escrito*”, que concretiza a obra.

O projeto literário de Lobato não traçava metas apenas sobre a composição de textos: Lobato queria ser lido. Mais do que isso, queria que seus livros chegassem ao maior número possível de leitores.

Mais uma vez inovando, Lobato propõe aos comerciantes que fiquem com o produto em consignação, para que não tenham prejuízo, caso a mercadoria encalhe. A seguir, transcrevemos a carta-padrão escrita e enviada por Lobato aos comerciantes para apresentar-lhes a proposta de venda de livros:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? V. S. não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau, E como V. S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma que propomos. Se vender os tais “livros”, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa (LOBATO, 1959, p.190).

O “livro” é referido como “coisa”, sem maiores cerimônias. A palavra “coisa” não tem aqui qualquer tom pejorativo, servindo para colocar a mercadoria “livro” o mais próximo possível do público, entre gêneros de primeira necessidade.

A dessacralização da idéia de “livro” não significa, em absoluto, a diminuição de seu valor, mas sua liberdade para desabrochar nas mãos do leitor como um objeto de prazer – pronto para ser livremente manuseado, cheirado, anotado, dobrado, lido e relido.

A temperança, aliás, de *conhecimento* e *prazer*, já era pressuposto básico da literatura infantil de Lobato, em seu preciso amálgama de educação, fantasia, cultura geral e *ludus*, como já vimos anteriormente neste trabalho. Concluimos, entretanto, que tal pressuposto se encarna em sua própria concepção do objeto “livro” e concretiza a comunhão entre *aquisição de conhecimento* e *fruição*.

Além da construção de uma literatura infantil que valorizasse as potências intelectual, verbal e criativa próprias da infância, Lobato também ajudou na integração entre crianças e livros ao redimensionar a “*sacralidade*” com que estes, culturalmente, sempre se revestiram.

Na carta transcrita acima, Lobato compara a mercadoria *livro* à querosene, à batata e ao bacalhau. Não é o único texto onde o escritor relaciona *textos* e *alimentos*, como demonstra o trecho abaixo, extraído de *A barca de Gleyre*:

Para tudo há uma fábula. O galo encontrou uma pérola. ‘Antes fosse um grão de milho’, disse e passou. Você deu pérola ao galo. Eu dou milho. Eis a razão do meu sucesso. Mas eu dou milho, meu caro Rangel, por uma razão muito simples: incapacidade de dar pérolas... (LOBATO, 1957, p.234).

Como destaca Adriana Silene Vieira, em seu texto *O livro e a leitura nos textos de Lobato* (VIEIRA, 1999), a comparação entre as obras literárias e o milho sugere que os livros podem ser “engolidos” pelo público. Além disso, no trecho reproduzido acima, Lobato também estabelece que seus textos têm a medida certa para as necessidades de seu público.

A idéia de *literatura para ser absorvida* é encarnada ainda pelo próprio personagem do Visconde de Sabugosa, que se torna um *sábio sabugo* depois de uma temporada na estante entre os livros de D. Benta, quando absorveu a ciência dos livros e se tornou ‘capaz de saber’ como lemos em *Reinações de Narizinho* (LOBATO, 2005).

A esse respeito, Adriana Silene Vieira destaca que o nobre sabugo não consome apenas a literatura dos livros, mas os utiliza para outros fins, transformando-os em mobília para seu uso na estante: os livros se tornam sua mesa, sua cama, etc. O conhecimento é absorvido pelo Visconde justamente através deste contato direto com os livros (VIEIRA, 1999).

Enfatiza ainda Adriana Silene Vieira, a partir de outra passagem de *Reinações de Narizinho*, a metáfora da *literatura para ser devorada* (VIEIRA, 1999). Trata-se do episódio em que Visconde fica empanturrado de álgebra e precisa ser operado pelo Dr. Caramujo, que assim resume o procedimento cirúrgico: “- (...) Estou tirando só o que é álgebra. Álgebra é pior que jabuticaba com caroço para entupir um freguês” (LOBATO, 2005, p.121).

É impossível não associar a passagem acima às célebres palavras de Francis Bacon, citadas em *Leituras no Brasil - Antologia Comemorativa pelo 10º COLE*, obra organizada por Márcia Abreu: “Leia, não para contradizer ou refletir, nem para crer ou tomar como certo, nem pelo discurso ou pelo enredo, mas para pensar e considerar. Alguns livros são só para serem provados, outros para serem engolidos, outros para serem mastigados e digeridos” (ABREU, 1995).

Na mesma linha de compreensão, Adriana Silene Vieira (VIEIRA, 1999) retoma o seguinte trecho de *A reforma da natureza*, que traz bem marcada a

relação entre *literatura e alimento* e concretiza as idéias do empresário Monteiro Lobato para a distribuição da mercadoria *livro*:

– Pois eu tenho uma idéia muito boa, disse Emília. Fazer o livro comestível.
 (...) Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos – uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado
 (...) Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também o pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite (LOBATO, 2002, p.22).

A relação de Visconde com os livros também os antropomorfiza, como quando o sábio encontra um livro de trigonometria, assunto que muito apreciava, e “sai de braço dado com ele para um passeio pelos arredores. E por lá ficaram até o dia seguinte, a conversar sobre ‘senos’ e ‘co-senos’ ” (VIEIRA, 1999, p.59).

Utilizando o conceito apresentado no livro *O que é leitura*, de Maria Helena Martins (MARTINS, 2005), podemos pensar que as leituras realizadas pelo Visconde são *sensoriais*, pois as relações que o personagem estabelece com os livros ultrapassam a leitura do código escrito, exatamente como a criança ainda não alfabetizada que, impossibilitada de decifrar o texto escrito, estabelece com o livro uma relação *lúdica*. O livro, enquanto *objeto*, pode ser também um *brinquedo*.

Relações lúdicas de outra ordem se estabelecem entre os personagens do Sítio e a própria Literatura, na medida em que têm a liberdade de entrar em outras histórias célebres e mesmo receber no Sítio personagens de outras obras para criarem juntos novas histórias. Todos podem *entrar nos livros* que desejarem e viver outras aventuras.

Em outra passagem de *A barca de Gleyre*, Monteiro Lobato compara os livros a *remédios*, produtos também de primeira necessidade. É o que observamos no trecho abaixo:

O meu Narizinho, do qual tirei 50.000 – a maior edição do mundo – tem que ser metido bucho a dentro do público, tal qual fazem as mães com o óleo de rícino. Elas apertam o nariz da criança e enfiam a droga e a pobre criança ou engole ou morre asfixiada. Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui. Faz de conta que é Gelol. Dói? Gelol (LOBATO, 1957, v.II, p.230).

Monteiro Lobato revela não só a consciência de que seus livros infantis são comprados pelos pais e talvez impostos às crianças, como a certeza de que os mesmos livros são tão indispensáveis como um medicamento em caso de dor.

Do ponto de vista do editor/empresário, a transformação do *livro* em produto de primeira necessidade também pode representar um interesse à parte.

Para Lobato, não bastava o reconhecimento da qualidade de suas obras infantis, era essencial torná-las amplamente lidas. Como sua meta primordial eram as “*crianças escolares*”, vendeu tiragens inteiras para o governo do estado de São Paulo e garantiu a vasta difusão de seus textos através das escolas.

Para que o livro se tornasse um objeto de desejo para as crianças leitoras, Lobato soube transforma-lo em um objeto, antes de mais nada, *maravilhoso*. Na literatura lobatiana, o livro é apresentado e representado como fonte de conhecimento e de prazer, como instrumento mágico que inicia aventuras e mesmo como o alimento que supre de *maravilhas* o espírito dos leitores.

Todo o esforço de Lobato para tornar o livro infantil um objeto maravilhoso que atraísse o leitor não se reduz às pretensões editoriais do autor, mas fundamentalmente à sua utopia de tornar o Brasil um país de leitores – e o segredo, acreditava Lobato, estava na formação de crianças leitoras.

Lobato apresenta o livro às crianças como brinquedo mágico que deve ser afetivamente lido, manuseado, consumido e devorado – o oposto daquele volume dourado que só deve ser retirado da estante em ritual cerimonioso onde não há lugar para a livre leitura, a crítica e a irreverência.

Tornar-se leitor é tornar-se um *sujeito moral e social*. Para o leitor em formação, alvo de Lobato, as primeiras leituras, ainda que *engolidas* sob a batuta dos pais e professores, são imprescindíveis para a sobrevivência, pois *conhecimento, livre pensamento e fantasia* são fontes insubstituíveis de desenvolvimento humano e vida.